Aveiro, 14 de Janeiro de 1967 ★ Ano XIII ★ N.º 636

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETARIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITANIA», R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

DR. MÁRIO SACRAMENTO

ENSAIOS SOBRE A FÉ

Tenho um dever moral para comigo, os meus amigos e os meus interlocutores passados ou futuros: pôr em ordem, com a sinceridade e a isenção possíveis, as minhas opiniões sobre o problema religioso. Considerá-lo um fenómeno marginal, como alguns fazem, que a ciência e a filosofia tenderiam a anular como valor humano, seria recair no erro ingénuo do materialismo setecentista e do positivismo oitocentista. A aspiração religiosa é uma constante histórica, que tem desempenhado e desempenhará por muito tempo ainda (para não ir mais longe numa afirmação que é contingente), uma função importante no devir humano.

Que função é essa? A de totalizar num Mito, mediante a Fé, — veremos adiante o significado positivo destas palavras —, a aspiração inalienável do homem a uma unidade que tudo integre, contenha e explique. O mesmo faz a Arte e — nos bons tempos em que ainda se concebia como sistema — a Filosofia, mas só em certa medida. Quer num quer noutro destes dois casos, o mito cria-se sob os nossos olhos. Fruto da especulação intelectual ou da imaginação artística, ele apresenta-se, não como revelação mediatizada pela Fé, mas como imediatização conceptual ou emotiva duma intuição ou noção de Todo e Uno que o artista ou o pensador propõem gerais, mas apresentam como suas. E só a Arte consegue fazê-lo, verdadeiramente, porque só ela fala, não à inteligência apenas, mas à plenitude do homem.

Que será então a Fé, para ir não só além da própria Arte, mas instalar o homem na convicção de que nasceu, não pelo acaso dum acto cego, mas pela conjunção duma harmonia que o conduz a um destino próprio? Diz Pedro Amorim Viana, na sua tão injustamente esquecida *Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé* (Porto, 1866), que *«a fé significava, a princípio, simplesmente confiança. Os fiéis eram os que confiavam na palavra do Senhor, os que tinham esperança em suas promessas»*. Estas palavras reportam-se ao Cristianismo. Mas a Fé antecedeu-o, evidentemente, o que não obsta a

Continua na página 3

DEPOIMENTO

DO DR. VASCO DE LEMOS MOURISCA

SOBRE VERA LAGOA E O NOSSO JOSÉ ESTÊVÃO

Longe de mim a pretensão de vir apresentar Vera Lagoa a qualquer bem informado leitor deste jornal! Mas pode algum, menos atento à linha dos grandes Jornalistas, não se haver apercebido do mérito desta conhecida, nos grandes centros, principalmente, Jornalista lusa.

Não venham certos sujeitos dizer que eu a aplaudo porque é minha amiga, minha camarada. Nem de vista a conheço! Sou, apenas, seu leitor. E gosto francamente de a ler, porque, além de escrever bem, diz o que tem para dizer sem papas na língua, como soe dizer-se. E isto, nos tempos que correm, é quáse heróico!

Vera Lagoa, um dos mais conhecidos nomes do Jornalismo contemporâneo, em Portugal, bem merece, pois, a notoridade de que goza, porque é um cérebro lavado, de ideias arejadas e belas, de personalidade firme e intemerata. Se é pela obra que a pessoa se conhece, esta é a impressão que me deixou o que li de Vera Lagoa, quer dizer, do que ela tem escrito, sobretudo no Diário Popular, *cuja brilhante colaboradora é.*

E foi exactamente neste grande vespertino, que encontrei, no passado dia 3, nas sápidas «Bisbilhotices» de Vera Lagoa, esta deliciosa Crónica do Ano

Continua na página 2

RETROSPECTIVA *das* ARTES AVEIRENSES *do* BARRO

Por muito optimistas que fossem as nossas previsões, a verdade — a consoladora verdade — é que a iniciativa do Correio do Vouga *e do* Litoral, *apenas há quinze dias ali e aqui anunciada e enunciada, logo se repercutiu em aplausos, que de muitos lados nos vieram, ultrapassando-se, assim, os limites daquela expectativa que a prudência obriga a condicionar às presumíveis dificuldades de tão magna realização. Dir-se-ia que Aveiro, empenhada, no presente, em alargar os horizontes das suas legítimas aspirações, culturais e materiais, quer saber tudo quanto, do passado, seja elemento duma mais perfeita consciencialização, que anseia conhecer o que Aveiro foi, que deseja entrar na sua história.*

O que mais nos surpreende — os testemunhos começam a chegar-nos de todas as camadas sociais, das menos ilustradas às mais cultas — é que os aveirenses se apercebem de que uma retrospectiva das artes do barro não será mera lição de estética: têm a intuição de que a palangana e a malga, a bilha e a púcara, as «alminhas» e a imaginária de altar ou de oratório irão falar não só da linha, do volume e da cor, não apenas dos prodígios do artesanato ou da arte, mas também daquelas oscilações duma civilização regional, em que houve eminências invejáveis e depressões desoladoras, — já que a argila trabalhada, de opaca que é, pode transformar-se em cristal que deixe lobrigar, aos olhos prescrutadores do estudioso, costumes, preferências, especiais devoções, imperativas carências, sumptuária predilecção. Nínive, Babilónia, Persépolis, a Assíria escreveram a sua história no barro; mas não é menos verdadeiro que muitos povos podem transcrever do barro importantes páginas da sua história.

Aveiro, dona e senhora de largas tradições cerâmicas, também irá aproveitar a valiosa — e tão descurada! —

Continua na página ?

GRUPO DE PRESÉPIO
BARRO DE AVEIRO
SÉC. XVIII

REALIDADE HUMANA E FICÇÃO

A verdade todos a têm; cada um tem a sua. Não se pode falar de verdades universais; pode-se procurar, sim, uma verdade inter-subjectiva, que de certo modo abranja todos, num mesmo humanismo.

Não é colocando-nos num estrado e dizendo — vem a mim que eu sou a verdade! que vivemos com os outros. É admitindo e aceitando que há algo que nos une na nossa condição de homens — a realidade humana.

As verdades elementares e evidentes são as dos católicos? Um católico ante um budista não passa de um hereje. Mas um religioso como Gandi sabe admitir a verdade como subjectiva. Há religiosos que não entendem que há religiões além da sua, culturas fora da sua.

Que é, afinal, *uma cultura?* — A cultura, senhores, é uma forma de *estar-no-mundo*, é um meio de relação entre um indivíduo e os outros. Pode-se falar de cultura de um grupo de homens num certo tempo: era a sua forma de viver, a sua existência em relação inter-subjectiva. Não me parece, porém, que se possa falar de cultura cristã ou cultura budista ou maometana sem abdicar de um humanismo elementar: a par dos cristãos, budistas, muçulmanos, outros homens não religiosos construíram a sua cultura; e não se fala em cultura agnóstica ou albigense ou cigana. — Porquê? Porque o recurso à existência de uma cultura histórica determinada pode-nos deixar dormir à sombra de louros passados. Mas quando o homem quer evoluir, quando se quer projectar num futuro, quando se quer superar a si próprio e ao que de si é passado histórico, então não fala de cultura isto ou cultura aquilo: fala da cultura da humanidade, e sisificamente carrega-a, montanha acima, em busca de algo que não encontra.

A cultura é um produto do homem; ele é o responsável por essa cultura, na sua totalidade. O cristão também é responsável pela «cultura maometana», como o agnóstico o é pela «cultura cristã». Os homens não se dividem em grupos; cada um é responsável por todos. Em cada acto que me faço arrasto comigo toda a humanidade.

Cada homem é responsável pelo homem todo. Cada homem contém em si os homens todos.

CONSIDERAÇÕES DE DANIEL LAVRADOR

Continua na página 3

Barros de Aveiro

Continuação da primeira página

informação que as cerâmicas fecundamente lhe possibilitam. Talvez que, em beleza, assim venham a preencher-se algumas lacunas dos seus nebulosos fastos.

É tarefa enorme, difícil, — terá de ser paciente e morosa; mas, com inestimáveis incentivos, entrou-se já no caminho que conduzirá ao almejado acontecimento. Está constituída a Comissão organizadora e executiva — e cremos que a autorizam os nomes que a integram: Dr. Jaime Dagoberto de MELLO FREITAS, Desembargador (aposentado) e Publicista; Dr. FRANCISCO António SOARES, Médico e antigo Presidente do Município aveirense; Dr. Francisco FERREIRA NEVES, Professor do Liceu (aposentado) e co--Director do Arquivo do Distrito de Aveiro; CARLOS Pinho das Neves ALELUIA, Industrial Cerâmico e Director do «Grupo Coral Aleluia»; Doutor FERNANDO Domingues MAGANO, Professor Catedrático de Medicina e Publicista; EDUARDO Ala CERQUEIRA, Jornalista e Aveirógrafo; Arquitecto ANSELMO Gomes TEIXEIRA, Industrial e Publicista; Monsenhor ANIBAL de Oliveira Marques RAMOS, Vigário Geral da Diocese de Aveiro, Reitor do Seminário de Santa Joana Princesa e Publicista; Dr. DAVID da Silva CRISTO, Advogado e Director do Litoral; e Padre MANUEL Caetano FIDALGO, Director do Correio do Vouga.

DEPOIMENTO

Continuação da primeira página

Novo, que fala do nosso glorioso JOSÉ ESTÊVÃO e que, até por isso, deve ser conhecida pela grande maioria do povo de Aveiro.

ATENÇÃO A VERA LAGOA!

CRÓNICA DO NOVO ANO

Uma Casa de Grandes Amizades

Lembrava-me sempre dessa tristíssima «Marcha quase Fúnebre», de Carlos Queirós, quando ouvia falar num asilo:

«..................................
O lento cortejo passa
Das meninas do asilo.
Saias pretas, grossas meias
Corre-lhes sangue nas veias
Por milagre do Senhor.

Que fazem durante o dia?
— Aprendem a soletrar.
A coser... E o sol? E o ar?
Quando pensam em lhes dar
Uma lição de alegria?»

Também não podia esquecer a lacónica, mas expressiva, definição encontrada, ainda muito jovem, no Dicionário de Jaime Séguier:

ASYLO — Estabelecimento de caridade, para educar crianças pobres ou recolher abandonados, inválidos, etc.

Mas sùbitamente, para mim e para quem comigo entrou em certa noite no Asilo de S. João, a palavra passou a ter uma significação diferente. Alguém tinha pensado em dar às «meninas do asilo» uma «lição de alegria»...

Centenas de vezes tinha passado perto daquele asilo. Centenas de vezes tinha passado na rua de Santa Marta. Mas tinha sempre ignorado que ali perto, num antigo e lindo casarão, com um pátio forrado de azulejos, viviam setenta e duas raparigas numa Casa fundada em 1862 por José Estêvão Coelho de Magalhães, por aquele José Estêvão Coelho de Magalhães de quem eu julgava saber tudo...

Mas não sabia. Não sabia que ele tinha fundado uma Casa que hoje serve de lar, recuso-me a dizer asilo, a setenta e duas raparigas, dos 5 aos 17 anos, a setenta e duas raparigas órfãs.

Essas setenta e duas raparigas vivem em regime laico e não se sentem infelizes. Eu vi. Essas setenta e duas raparigas não andam uniformizadas e não se sentem infelizes. Eu vi. Essas setenta e duas raparigas passam o Verão na praia — de «maillot» e robe turco — e não se sentem infelizes. Eu vi. Essas setenta e duas raparigas andam a estudar em liceus, escolas técnicas, Instituto de Novas Profissões, etc,. e não se sentem infelizes. Eu vi. Essas setenta e duas raparigas que, em tempos dali saíam para empregadas domésticas, saem hoje para secretárias, massagistas, dactilógrafas, etc., e não se sentem infelizes. Eu vi. Essas setenta e duas raaprigas, ao atingirem os 17 anos, empregam-se e, se não tiverem lar compatível, vêm dormir ao Asilo e não se sentem infelizes. Eu vi. Essas setenta e duas raparigas não têm vigilantes (são elas que — por um Conselho Escolar — se dirigem umas às outras, apenas com uma regente) e não se sentem infelizes. Eu vi. Essas setenta e duas raparigas seguem cursos de ginástica e de defesa pessoal e não se sentem infelizes. Eu vi. Essas setenta e duas raparigas fizeram uma revista, onde cantaram e dançaram, «maquilladas», de fato de ginástica, com um belo aspecto físico e não se sentem infelizes. Eu vi.

Eu vi tanta coisa, tanta, que saí dali com o coração apertado. Não de desgosto. Não de tristeza. De emoção. E de mágoa, apenas na medida em que me lembrei das centenas de pessoas que passam a vida a falar de angústia, solidão, desocupação, etc., tendo ali, a dois passos daquele café onde essa angústia, solidão, desocupação, são discutidas depois do espectáculo, setenta e duas raparigas que precisam delas.

Não queria indicar nomes. Mas um há que não posso omitir. O da pessoa que se lembrou de dar «uma lição de alegria» às «meninas do asilo». E a nós. Um homem de trinta e tal anos (talvez apenas trinta), casado, com quatro filhos, um belo emprego, que podia, ao fim da tarde, ir passear, divertir-se, ou até sentar-se à mesa do café a falar na angústia, na solidão, na desocupação, etc.. Chama-se Rui de Brito. É um poeta. Nem podia ser outra coisa... Mas, além disso, é um homem que, estou certa, nunca terá tempo para se sentir angustiado, solitário, desocupado...

Com esta minha «Crónica do Ano Novo» não pretendo subsídios para o Asilo de S. João. As setenta e duas raparigas felizes e o seu director não os querem. As setenta e duas raparigas felizes e o seu director apenas precisam de amigos.

Já têm muitos. Mas precisam de mais. E talvez precisassem que se mudasse a palavra «Asilo» para «Casa». Era mais verdadeiro, porque o sentido de tristeza, infelicidade e desgraça que a primeira tinha desapareceu. Desapareceu para dar lugar à tal

«CASA DE GRANDES AMIZADES»

SECRETARIA JUDICIAL

COMARCA DE AVEIRO

Anúncio

1.ª Publicação

Faz-se saber que na segunda Secção do primeiro Juízo da comarca de Aveiro e nos autos de Acção Sumária que o autor Alfredo Rodrigues da Cruz, casado, negociante, da Lageosa do Dão, da comarca de Tondela, move contra João Martins Ribeiro, solicitador, com escritório na Rua trinta e um de Janeiro, desta cidade, na qualidade de administrador da massa falida da Sociedade de Vinhos Scalabis e contra os credores verificados na mesma Falência, cuja Sociedade tem a sede nesta cidade, correm éditos de dez dias, que se começam a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando os mencionados credores da Sociedade de Vinhos Scalabis, para no prazo de dez dias, findos que sejam os dos éditos, contestarem, querendo, os mesmos autos, sob pena de não contestando serem condenados no pedido, que consiste em ser verificado e reconhecido o crédito do autor da quantia de cento e cinquenta e três mil trezentos e vinte e nove escudos e sessenta centavos, sobre a firma falida, para todos os efeitos legais, designadamente para os do artigo mil duzentos e cinquenta e cinco do Código de Processo Civil.

Aveiro, 6 de Janeiro de 1967.

O Escrivão de Direito,

Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

João Carlos Afonso da Rocha

Litoral ★ Ano XIII ★ 14-1-967 ★ Nº 636

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura de trinta e um de Dezembro de mil novecentos e sessenta e seis, exarada de folhas trinta e nove verso a folhas quarenta e duas, do livro para «escrituras diversas» número A-Quatrocentos e Vinte e Quatro, deste Cartório, Manuel Gonçalves da Vitória Machado e mulher, Maria Helena Vieira da Rocha, residentes no lugar e freguesia de Aradas, deste concelho e José Rodrigues Ferreira Dias e mulher, Rosa Gomes Vitória, residentes no Barracão, freguesia de Colmeias, concelho de Leiria, se afirmaram donos e possuidores com exclusão de outrem, do seguinte prédio:

Uma porção de terreno, com a área de dois mil e quatrocentos metros quadrados, sita na rua da Agra, hoje travessa da rua João Gonçalves Neto — antes conhecida por rua Cega —, no lugar da mencionada freguesia de Aradas, a confrontar do norte com caminho público, do sul com João Francisco do Casal, do nascente com Alberto João Rosa e do poente com Eduardo Bacelar e outros, omisso na Conservatória do Registo Predial de Aveiro, como se vê de uma certidão ali passada em data de ontem.

Que, à data da aquisição o prédio se encontrava inscrito na antiga matriz rústica da mesma freguesia sob o artigo oitocentos e noventa e um.

Que, posteriormente, eles outorgantes edificaram no prédio descrito várias casas de habitação, inscritas na matriz urbana da mesma freguesia sob os artigos mil quatrocentos e oitenta e um a mil quatrocentos e oitenta e cinco, em nome deles outorgantes.

Mais certifico: que os mesmos declararam que o referido prédio veio à sua posse por compra que fizeram a D. Maria de Jesus Casal Moreira e irmã, D. Clara Rosa dos Santos Casal Moreira, solteiras, maiores, proprietárias, residentes na Rua do Cabouco, desta cidade, por escritura de cinco de Julho de mil novecentos e sessenta, exarada a folhas quarenta e uma do Livro de Escrituras Diversas, número trezentos e setenta e sete-A, do primeiro Cartório desta Secretaria.

Que o mencionado terreno veio à posse das mencionadas vendedoras, por adjudicação em comum e partes iguais às vendedoras e a seu irmão José Santos Casal Moreira, solteiro, maior, funcionário administrativo, residente nesta cidade, no inventário obrigatório que, por óbito de seu pai José Lopes do Casal Moreira, correu seus termos em mil novecentos e trinta e seis, no Segundo Ofício da Primeira Vara do Tribunal Judicial desta comarca, e, por compra que as mesmas vendedoras fizeram há cerca de vinte e cinco anos a seu mencionado irmão, ao tempo casado com Maria Olinda Pereira do Casal Moreira, da terça parte indivisa que o mesmo possuía no descrito prédio, por escritura de que não possuem títulos nem possibilidade de os obter, donde a impossibilidade de comprovar a aquisição pelos meios normais.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL, na parte respectiva, nada havendo na parte omitida, que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, dez de Janeiro de mil novecentos e sessenta e sete.

O Ajudante,

Luiz dos Santos Ratola

Litoral ★ Ano XIII ★ 14-1-1967 ★ N.º 636

ENSAIOS SOBRE A FÉ

Continuação da primeira página

que a definição esteja certa: ela é confiança. Que confiança? Prossegue Amorim Viana, noutro contexto: *«Ao passo que o filósofo deriva toda a religião de uma revelação natural e interior, o crente firma-a sobre um facto histórico, o qual, sendo em si mesmo compreensível como todos os factos históricos, assume um carácter sobrenatural e divino, sancionado por um aparato mítico em que, mais ou menos claramente, se simbolizam a acção da providência e o destino superior da humanidade».* Eis as duas palavras-chave: mito e símbolo. E escritas por quem, defendendo a Razão que servia como homem de Ciência, analisava a Fé que tinha: *«Somos um espírito isento de preconceitos, mas somos uma alma religiosa. Aceitamos a Igreja, contanto que ao lado dela estejam a liberdade e a crítica».*

Que mito, que símbolo? Teria de decorrer um século para estas palavras alcançarem, sobretudo com Henri Wallon (*De l'Acte à la Pensée,* Flammarion) e, muito recentemente, com Roger Garaudy *(Du 20.e Siècle,* La Palatine, 1966), a sua adequada significação. Lê-se no primeiro desses livros, de que existe tradução portuguesa (Portugália): *«No primitivo, a tentativa de explicar o visível pelo invisível não é uma sorte de aberração que o desviaria do real e que, ao contrário do nosso esforço orientado para o conhecimento científico, o faria preferir o sobrenatural à natureza. É, sim, a condição indispensável de todo o esforço intelectual, se o seu objectivo é superar os dados da experiência simplesmente vivida e descobrir, por detrás dos efeitos com os quais nos mistura a nossa própria actividade, as causas donde eles resultam e donde poderão ser extraídos processos para actuar sobre esses efeitos duma maneira que não seja reagir imediatamente pelos meios sensório-motores».* Disto concluiu Wallon que o oculto é uma categoria mental, que está não só na origem de todas as outras, mas as condiciona, pois estas, ao contrário do que supõem as teorias essencialistas do homem, não são fixas nem perpétuas. Operando màgicamente, de início, ele gera o mito por um processo equivalente àquele por que a razão virá a criar a hipótese científica. E exemplifica: *«Pois não é verdade que, para Platão, as imagens ou as Ideias guardam como que um reflexo de potência mágica que deixa pressentir a transição do pensamento místico ou primitivo para os nossos modos racionais de pensar?»*

Retomando esta interpretação, Garaudy reconhece que a perscruta religiosa intervém na organização do conhecimento. E cita a frase em que Einstein define o seu sentido de religiosidade cósmica (sem Deus e sem dogmas) como vontade de *«apreender a totalidade da existência como unidade cheia de sentido».* Para assim chegar ao conceito de que *«o apelo à transcendência recobre esta experiência real de que o homem, pertencendo à natureza, é diferente das coisas e dos animais, e, sendo capaz de se ultrapassar incessantemente, não está nunca acabado».*

Qualquer que seja a mediatização ou alienação por que passe a Fé, ela afirma, em última instância, o homem, — face ao oculto. E Amorim Viana, esse extraordinário precursor cujas análises do dogma (como mito e símbolo) são um encanto ler, di-lo com esta simplicidade: *«A ideia que formamos de Deus não é senão a que temos de nós mesmos e os atributos que lhe conferimos são as nossas próprias faculdades engrandecidas e aperfeiçoadas».* Chame-se Matéria ou chame-se Espírito à abstracção máxima a que o homem pode chegar, nem uma nem outra responde ao enigma inicial e básico do mundo. Qualquer interpretação opta, portanto, com fundamentos próprios, entre duas hipóteses igualmente precárias. É a essa opção que se chama Fé. Daí que a Fé do ateu possa ser tão generosa ou tão implacável como a do crente, pois têm a mesma origem. Quem ultrapasse, todavia, esse nível do problema e veja na herança humana uma experiência dialéctica em que é impossível haver toda a verdade dum lado e todo o erro do outro, chega a uma unidade que tudo inclui e sobreleva: a do humanismo. E Garaudy pode dizer: *«a profundidade da fé, num crente, depende da força do ateu que ele traz consigo; e a profundidade humana dum ateu, da força do crente que ele traz consigo».* Garaudy evitou a palavra Fé, na segunda parte da frase. Mas eu restituo-lha, por minha conta e risco. Pois como poderia explicar-se, doutro modo, que o ateu sacrifique a vida ou a liberdade em defesa do que pensa ou ama, quando tantos «crentes», dispondo da eternidade em que confiam, se furtam a isso? Sim, é com Fé que todos nós somos homens, quando o somos. E por isso Frei Amador Arrais escreveu: *«Não se pode dar cristandade a troco de servidão: antes será grave injúria para nossa santa fé».*

Mas, assim como a mitologia formaliza o mito, assim a religião formaliza a Fé, anacronizando-a. E o mesmo se dá com o ateísmo, em cada fase histórica por que passa. A evolução duma e doutro é uma luta permanente pela sobrevivência e pela renovação. E ambos são, nela, tão indispensáveis um ao outro como a resistência do ar ao voo. Consciência disso e colaboração nisso, só pode ser, portanto, um passo em frente, de que todos recolheremos benefícios. Nisto mesmo viu justo Amorim Viana também: *«A religião penetra-se da filosofia como nós respiramos o ar: espontânea e irreflectidamente. Tornou-se insensivelmente aristotélica e platónica, como talvez em breve se tornará kantista e hegeliana. A filosofia opera sobre a teologia do mesmo modo que, no parecer de Guizot, actuam sobre os governos o povo e a opinião pública. A sua influência é indirecta, mas imensa, irresistível. Porém, o que em política não basta, é suficiente em religião. Não exijamos que a Igreja abandone os milagres ou os mistérios, não a obriguemos a nenhum sacrifício, a nenhuma concessão. Deixemos isto à acção do tempo e às circunstâncias, e ela será levada, naturalmente, a pedir à filosofia quanto baste para tornar o dogma civilizador, à poesia e ao simbolismo do que precisar para falar à imaginação dos fiéis».* Aos que hoje lêem ou seguem Teilhard de Chardin, não lhes será motivo de reflexão este passo?

Mas percorra-se todo o epílogo da obra e ver-se-á como, há cem anos precisos, um pensador português, se bem que embuído dum leibnitzianismo que há muito ultrapassámos, apontou direcções e caminhos que estamos seguindo, *mutatis mutandis,* como se fora ele quem comandasse a história! E, todavia, quantas pessoas terão lido, até hoje, o seu livro?! Há cem anos que apodrece, contendo o Sol lá dentro! Lanterna vermelha do mundo moderno, sempre tivemos quem caminhasse à frente da sua história. Se não soubemos ou sabemos merecer tais precursores, nem por isso deixaremos de fazê-lo um dia. A Fé é isto.

MÁRIO SACRAMENTO

— Tem obtido pleno êxito a Campanha de Segurança Bosch —

Está a decorrer, com grande êxito, em todo o País, a Campanha de Prevenção promovida pela Robert Bosch (Portugal), L.da, com o patrocínio do Automóvel Clube de Portugal. Um elevado número de automobilistas, excedendo todas as expectativas, tem afluído aos locais — agentes Bosch e bancos móveis — onde se procede ao exame gratuito do sistema eléctrico dos carros. Tantas são as avarias detectadas e as insuficiências dos veículos inspeccionados que outros condutores, finalmente persuadidos da importância de tomarem pleno conhecimento do estado do seu automóvel, logo acodem, por seu turno, àqueles postos, onde, com o maior rigor, equipas técnicas altamente qualificadas observam, por modernos processos electrónicos, os faróis e as luzes de código, as velas, bobina de ignição, distribuidor, dínamo, regulador de tensão e buzinas de todas as viaturas que lhes são apresentadas. No final dos exames, cuja duração não excede um quarto de hora, é passada a cada automobilista a ficha completa do funcionamento da parte eléctrica do seu carro.

REALIDADE HUMANA E FICÇÃO

Continuação da primeira página

Diálogo não é dizer — a minha cultura é melhor que a tua; é perguntar acima de tudo: vamos buscar uma cultura melhor e comum, onde seja possível realizar na prática o que Gandi idealizou? É buscar antes de tudo um *ponto de contacto;* não um ponto de desacordo.

Se para uns Deus morreu e para outros Deus existe, não é esse o ponto de contacto; o ponto de contacto deverá ser o *HOMEM!*

E se há um natal, ele pode também ser *o natal dos homens;* o natal em que os homens, idealmente, seja, comunguem uma mesma carne numa mesma vida que, disse-o Malraux, a morte transforma em destino.

Não se pode no diálogo pôr o problema — Deus existe ou não. O problema é o homem e o homem é problema; e do homem é que nasce o problema que ele é. É esse o objecto do diálogo porque o diálogo é para esse. Entre homens fala-se de homens e do problematismo que eles são.

O natal só tem significado se todos os homens o puderem sentir *humanamente.* De outra forma não passa de uma festa que um grupo de homens faz anualmente; perde a universalidade e o diálogo. Que natal não é dizer — Deus nasceu!: é dizer — há algo no homem que nasce e se quer fazer Deus! Há algo no homem que busca infatigàvelmente o absoluto! Há algo no homem que é monstruosamente verdadeiro: a luta por um-mais-além!

E todos os homens se juntam num coro, porque desde a alegria cósmica ao pessimismo mesopotâmico há o desejo absoluto — é essa a realidade humana.

Universalidade não é ficção particularista.

O natal existe se todos os homens o fizerem existir humanamente.

DANIEL LAVRADOR

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	OUDINOT
Domingo	NETO
2.ª feira	MOURA
3.ª feira	CENTRAL
4.ª feira	MODERNA
5.ª feira	ALA
6.ª feira	M. CALADO

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

A CIDADE

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

CERTIFICO para efeitos de publicação, que por escritura de vinte e três de Dezembro de mil novecentos e sessenta e seis, exarada de folhas vinte e três a folhas vinte e sete, do Livro para «Escrituras Diversas» número A — QUATROCENTOS E VINTE E QUATRO, deste Cartório, foi aumentado em setecentos contos o capital social da sociedade comercial por quotas António Pereira Ramos & Filhos, Limitada, com sede em Aveiro.

Que em face de tal aumento o artigo terceiro do pacto social, passou a ter a seguinte redacção:

TERCEIRO

O Capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de mil contos e representado na forma seguinte: uma quota, de quatrocentos contos, pertencente a António Pereira Ramos; três quotas, de duzentos contos cada, cada uma das quais pertence respectivamente, a António Joaquim de Resende Ramos, Mário de Resende Ramos e Ernesto de Resende Ramos.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL, na parte respectiva, nada havendo na parte omitida, que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, onze de Janeiro de mil novecentos e sessenta e sete.

O Notário do 2.º Cartório

João Caetano Nunes Guerreiro

Litoral — 14 - Janeiro - 1967
Número 636 — Ano XIII

Pela Câmara Municipal

● Foram aprovados, para efeito de pagamento ao empreiteiro da obra de «Saneamento de Esgueira», dois autos de medição de trabalhos, nas importâncias de 47 144$79 e 38 473$00, respectivamente.

● Tornando-se insuficiente o terreno já adquirido para a construção do Matadouro Regional de Aveiro, vão ser adquiridos mais 2 477 metros quadrados de terreno contíguo àquele.

● A Câmara vai adquirir 29 habitações do Bairro da Misericórdia e terrenos circundantes, pertencentes à Santa Casa da Misericórdia, a fim de possibilitar uma urbanização a levar a efeito oportunamente naquele local.

Festa de Natal no Hospital de Santa Joana

Na tarde do último domingo, realizou-se uma festa natalícia dedicada aos doentes e pessoal do Hospital de Santa Joana Princesa pelo Grupo Cultural da Legião Portuguesa.

Encontravam-se presentes o Provedor da Santa Casa da Misericórdia, sr. Comendador Egas Salgueiro, e esposa, e vários membros da respectiva Mesa.

No final do espectáculo, realizado num salão especialmente preparado para o efeito, o Provedor da Santa Casa da Misericórdia agradeceu a amiga colaboração do Grupo Cultural da L. P. naquela festa, tendo ainda usado da palavra o Comandante interino da L. P. e o Presidente do seu Grupo Cultural, sr. Ulisses Rodrigues Pereira.

Donativos para o Internato Distrital de Aveiro

Durante o mês de Dezembro findo, ofereceram donativos — em dinheiro ou em géneros — ao Internato Distrital de Aveiro as seguintes individualidades, empresas e associações:

D. Glória Raimundo (por intermédio do «Correio do Vouga»), Eng.º António Manuel Pascoal, Ricardo Fortes, João Sardo, Dr. Manuel Soares, Ulises Pereira, Clube dos Galitos, «Bombeiros Novos», Pescarias Beira Litoral, Empresa de Pesca de Aveiro, Empresa de Pescas Ribau, Morais & Ramos, Irmandade do Santíssimo Sacramento, «Luzostella», Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Cerâmica e Cooperativa Agrícola de Oliveira de Azeméis.

Acidentes de viação

— No domingo, pouco depois do meio-dia, na Costa do Valado, o automóvel ligeiro LE-69-11, conduzido pelo sr. Joaquim de Pinho, casado, mestre de obras, residente em Esgueira, atropelou o pequenito Vitor de Almeida Coelho, de 3 anos, que sofreu ferimentos na cabeça e outras contusões — tendo de ficar internado, em observação, no Hospital de Santa Joana.

— Também no domingo, cerca das 18 horas, quando seguia da Gafanha para a Barra, no seu automóvel, o sr. Ernesto Maia Soares, proprietário, que seguia com sua esposa e uma criada, sofreu um aparatoso acidente — felizmente sem grandes consequências.

O carro, a dado momento, despistou-se e caiu a umas dunas de areia da Ria, a escassa distância — felizmente — do caudal das águas da laguna, ficando com as rodas voltadas para o ar.

Acorreu ao local o sr. Amândio Moreira, que conseguiu libertar os passageiros da crítica posição em que se encontravam.

— Na terça-feira, cerca das 16 horas, em Cacia, chocaram uma motorizada, conduzida pelo sr. Daniel dos Santos Pinto, de 18 anos, residente em Fermelã, com uma motocicleta, em que seguia o sr. Firmino António do Patrocínio, residente na Torreira (Murtosa).

O embate foi aparatoso, e dele resultou que ambos os condutores tiveram de ser socorridos no Hospital de Aveiro, onde ficou internado o Daniel dos Santos Pinto, que apresentava uma fractura exposta e fortes contusões na bacia.

— Ainda na terça-feira, na Rua de João de Moura, o automóvel ML-81-41, conduzido pelo sr. Manuel da Silva Santos, de Vale Maior (Albergaria-a-Velha), atropelou o menor de 16 anos João Fernandes Lima, residente no Paço (Esgueira), que ficou internado no Hospital de Santa Joana, com fractura do fémur da perna esquerda.

— Em Angeja, também na terça-feira, sofreu um acidente de automóvel o sr. Hernâni de Oliveira Matias, que foi socorrido no Hospital desta cidade, por apresentar algumas escoriações na cara.

Condenado a prisão maior por ter morto um colega

Terminou, no sábado, sob presidência do Corregedor do Circulo Judicial de Aveiro, sr. Dr. João Dias Ferreira do Vale, o julgamento de Mário de Almeida Faria, casado, de 45 anos, residente em Cacia, acusado de ter agredido à navalhada, na noite de 24 para 25 de Outubro do ano findo, após um arraial realizado naquela localidade, o operário António Rogues, «O Rebimbas», também de Cacia, causando-lhe a morte.

O Tribunal condenou o réu na pena de nove anos de prisão maior, 2 000$00 de imposto de Justiça e custas, 70 contos de indemnização à família da vítima (viúva e dez filhos menores) e 1 336$30 à Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, para pagamento de despesas.

Jantar de Despedida

Por terem sido colocados em Espinho e Torres Vedras, respectivamente, os srs. David Paiva Martins e Fausto Augusto da Silva Viana foram homenageados, na passada terça-feira, pelos seus colegas da filial de Aveiro do Banco Nacional Ultramarino, no decurso de um jantar de despedida realizado na Pensão Imperial.

Usaram da palavra, aos brindes, os srs. Severim Francisco Marques e Manuel Maria Rodrigues Valente, actual e antigo Chefe de Serviços do Banco Ultramarino, e, em agradecimento, os homenageados.

Horários das Consultas Externas do Hospital

Foi recentemente criado um novo horário para as consultas externas do Hospital de Santa Joana Princesa, já em vigor desde 2 do corrente mês de Janeiro.

Indicamos, a seguir — e por especialidades — quais os dias de consulta e as horas dos diversos serviços e, ainda, o nome dos médicos que a eles presidem:

PEDIATRIA

Das 8 às 9 horas — Dr. Rebelo Soares (2.ªs e 5.ªs-feiras); Dr. Leite da Silva (3.ªs-feiras); Dr. Mário Agualusa (4.ªs-feiras e sábados); Dr. Moreira Lopes (6.ªs-feiras).

CIRURGIA E GINECOLOGIA

3.ªs-feiras (das 10 às 11 horas) — Dr. Vitor Regala e Dr. Cruz Neto. 3.ªs-feiras (das 14 às 15 horas) — Dr. Manuel Soares. 5.ªs-feiras (das 9 às 10 horas) — Dr. Nogueira de Lemos.

GINECOLOGIA

3.ªs e 5.ªs-feiras (das 9.30 às 10.30 horas) — Dr.ª Maria Fernanda Graça.

OBSTETRICIA

6.ªs-feiras (das 11 às 12 horas) — Dr. Maya Seco.

MEDICINA

Das 9 às 10 horas — Médico de serviço (2.ªs-feiras); Dr. Heitor Ferreira (3.ªs-feiras); Dr. Gabriel Faria (4.ªs-feiras); Dr. Agostinho Furtado (5.ªs-feiras); Dr. José Gamelas (6.ªs-feiras); Dr. Humberto Leitão (sábados).

CARDIOLOGIA

2.ªs e 6.ªs-feiras (das 14 às 15 horas) — Dr. J. Rodrigues Póvoa.

OTORRINOLARINGOLOGIA

3.ªs e 5.ªs-feiras (das 9 às 10 horas) — Dr. Carlos Seabra.

DERMATOLOGIA

3.ªs-feiras (das 12 às 13 horas) — Dr. José Manuel Cortesão.

OFTALMOLOGIA

5.ªs-feiras (das 8 às 9 horas) — Dr. Ribeiro Breda.

ORTOPEDIA

5.ªs-feiras (das 10 às 11 horas) — Dr. Ponty Oliva.

UROLOGIA

Sábados (das 11 às 12 horas) — Dr. Manuel Pericão.

«Baile de Homenagem» ao Conjunto Leonel d'Oliveira

Assinalando a passagem do primeiro aniversário do Conjunto Leonel d'Oliveira, um grupo de amigos vai homenagear amanhã os seus componentes, no decurso de uma festa — com baile e variedades — que amanhã se realiza no Restaurante Galo d'Ouro.

Pelas 15 horas, inicia-se um baile, em que actuam o Conjunto Académico «The Rangers» (inicialmente) e o Conjunto Leonel d'Oliveira (no fecho); pelas 17.30 horas, num curto programa de variedades, actuam Fernando Braga, Mário Teixeira, Melo Ferreira e «Os Jograis do Clube dos Galitos».

Baile dos Finalistas da E. I. C. A.

No próximo dia 21 do corrente mês realiza-se no salão nobre do Teatro Aveirense o tradicional baile dos finalistas da Escola Industrial e Comercial de Aveiro, com a colaboração da orquestra «Kinzé Varella» e de um conjunto de renome, vindo propositadamente de Lisboa.

Faleceram:

EDMUNDO TRINDADE SILVA

Em 2 do corrente mês, faleceu o sr. Edmundo Trindade Silva, pintor cerâmico, reformado, que deixou viúva a sr.ª D. Alice de Almeida Trindade; e era irmão das sr.as D. Maria da Natividade, D. Noémia e D. Arminda Trindade Silva e dos srs. Luís, Eduardo, Rogério e Telmo Trindade Silva.

D. SILVINA DE JESUS

Também em 2 de Janeiro, faleceu a sr.ª D. Silvina de Jesus, mãe das sr.as D. Joana e D. Luzia de Jesus e dos srs. Albino e Arménio Roque; sogra dos srs. Manuel Morais e Edmundo Fernandes da Silva; irmã dos srs. José e Armando Gonçalves; tia dos srs. Amadeu de Morais e António da Naia Graça; e avó das sr.as D. Lisete e D. Maria da Graça Morais e dos srs. Manuel, Carlos e Artur Morais e José Teixeira, Subchefe da P. S. P..

D. ADELAIDE RAMOS

Na passada segunda-feira, dia 9, faleceu, nesta cidade, a sr.ª D. Adelaide Ramos.

A saudosa extinta, natural de Tondela, contava 77 anos de idade e era estimada e respeitada por suas virtudes, qualidades e natural bondade. Vivia em Aveiro em casa de seu filho, o distinto médico especialista e Director do Dispensário Anti-Tuberculoso sr. Dr. Luís Eduardo Ramos, há muito radicado nesta cidade. Era sogra da sr.ª Dr.ª D. Maria Gulomar de Abreu e Lima Ramos, advogada e notária em Melgaço; e avó dos estudantes do Liceu de Aveiro Maria Cristina e Luís Eduardo Abreu e Lima Ramos.

As famílias enlutadas os os pêsames do Litoral

63.º Aniversário do CLUBE DOS GALITOS

Para assinalar a passagem do seu 63.º aniversário, que justamente ocorre em 24 do corrente mês, o prestigioso Clube dos Galitos vai realizar, nesse mesmo dia, uma sessão solene, a que assistem as mais representativas entidades oficiais aveirenses.

Durante a sessão solene, marcada para as 21.30 horas no salão nobre do Grémio do Comércio, serão distribuídos os prémios de natureza cultural e desportiva alcançados pelos representantes do Galitos nas épocas de 1964-1965--1966, e entregues ao Clube os troféus conquistados pelas suas várias Secções nos referidos anos. Serão ainda galardoados os sócios que, entretanto, completaram 25 e 50 anos de inscrição clubista.

Para finalizar a sessão, será apresentado pùblicamente o novo projecto da futura sede do Clube dos Galitos — com a sua forma definitiva — e serão fornecidos pormenores dos trabalhos em curso relacionados com a obra.

FAZEM ANOS:

Hoje, 14 — *A sr.ª D. Maria do Amparo Gamelas da Costa; o sr. Jorge de Oliveira Biscaia; e a menina Ana Paula Alves Simaria, filha do sr. João Augusto Alves Simaria.*

Amanhã, 15 — *A sr.ª D. Maria Leocádia Magalhães Lima Mascarenhas, viúva do sr. Desembargador Dr. Evaristo Mascarenhas; e os srs. Belmiro Ribeiro; e Manuel Maria da Maia, Delegado do G. I. P. L., na capital.*

Em 16 — *As sr.as D. Maria José de Sousa Vieira Torres Villas, esposa do sr. Rui Villas; D. Maria da Saudade Tavares de Sá, filha do sr. Raúl de Sá Seixas; D. Maria da Glória Figueiredo da Cruz Gadim, esposa do sr. João Carlos Gadim de Almeida; os srs. Manuel da Fonseca Marques; e António Marques Pitarma; e o menino José Joaquim Graça Moreira, filho do sr. Tenente-Coronel José Alves Moreira.*

Em 17 — *As sr.as D. Laura de Albuquerque Massadas Rino, esposa do sr. António de Almeida Rino; D. Maria Manuela de Oliveira Cardoso; D. Crisanta Soares Rodrigues; D. Clélia da Conceição Neto Gamelas, esposa do sr. Amílcar Henriques Gamelas; D. Maria Preciosa Azevedo Alves Novo; D. Rosa de Oliveira Gomes Estima Rino, esposa do sr. António Ferreira Estima Rino; e D. Lassalette Simões Ratola; os srs. António Brum de Sousa Dourado; Padre António Resende; e Manuel Marques Liberal; e ainda a menina Maria da Conceição da Graça Azevedo Neto, filha do sr. João José Azevedo Neto; e o menino José Maria, filho do sr. José Maria Martins Pereira.*

Em 18 — *A sr.ª D. Maria do Carmo Paula Santos, esposa do sr. Capitão Luís Paula Santos; e os srs. Fausto de Resende Ferreira; Reinaldo Correia Ritto; Fernando Fonseca de Almeida, residentes em Lisboa; Manuel Alves Simaria; e Manuel André Marques Pitarma, filho da sr.ª D. Rosa André Teresa e do sr. António Marques Pitarma.*

Em 19 — *As sr.as D. Maria José de Lemos Manoel (Atalaya); D. Ema Cunha Morgado dos Reis, esposa do sr. Ernesto Amorim dos Reis, residentes em Luanda; os srs. Carlos Miguéis Picado, aveirense actualmente em Benguela (Angola); Alberto Monteiro dos Santos Pereira; e Luís Carrancho Capela, ausente nos E. U. A. do Norte; e ainda a menina Maria José Camarinha da Cunha, filha do sr. Artur Cunha, de Estarreja.*

Em 20 — *As sr.as D. Maria da Graça Roque Abrantes Pratta; D. Maria do Carmo Ferreira das Neves, esposa do sr. Capitão Joaquim Pinho das Neves; e D. Maria da Luz Monteiro dos Santos Pereira; e os srs. António Maria Duarte Vieira Gamelas; e Teodoro Vicente Ferreira, aveirense residente em Angola.*

CASAMENTO

No primeiro dia deste ano, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Graciete Baptista Barreto, filha da sr.ª D. Adília Correia Baptista Barreto e do sr. Francisco Barreto, com o empregado comercial sr. José Aniano de Castro Vinagre, filho da sr.ª D. Palmira de Oliveira e Castro e do sr. Valdemar de Pinho Vinagre.

A cerimónia, que se realizou na igreja da Vera-Cruz, presidiu o Rev.º Padre Arménio Costa, que, na altura própria, proferiu uma expressiva alocução aos noivos.

Foram padrinhos: pela noiva, a sr.ª D. Dina Áurea Correia Baptista Barreto e seu marido, sr. Helder Rodrigues Teixeira; e, pelo noivo, sua tia, sr.ª D. Maria Emília da Apresentação Vinagre e seu pai.

Ao novo lar, desejamos as maiores felicidades.

NASCIMENTO

Em 31 de Dezembro findo, na Clínica de Santa Joana, nasceu um filhinho ao casal da sr.ª D. Dyka de Melo Vidal Marques Mendes e do sr. Carlos Vicente França Marques Mendes.

O neófito é neto paterno da sr.ª D. Maria Luísa do Resgate França Mendes e do sr. Carlos Marques Mendes.

Os nossos parabéns

BAPTIZADO

No dia de Natal, na Sé Catedral, foi baptizado, com o nome de Helder Emanuel da Graça Paula, o segundo filhinho da sr.ª D. Crisanta Fortes Graça Paula e do sr. Rui Manuel Santos Paula.

Foram padrinhos a menina Ângela Maria de Castro Peixinho e seu tio materno, sr. Lívio Álvaro Fortes Graça.

QUEM VIAJA

Regressou a esta cidade o sr. Carlos Mendes, depois do cruzeiro do fim do ano à Madeira, Canárias e Gibraltar, a bordo do paquete «Santa Maria».

Junta da Freguesia da Glória

EDITAL

Jorge Pereira Campos Mourão de Mendonça Corte Real, Presidente da Junta de Freguesia de Nossa Senhora da Glória.

Faço saber que, nos termos e para os efeitos do artigo 203.º e seguintes do Código Administrativo, no próximo dia 1 de Fevereiro, têm início as operações para a organização do recenseamento dos Chefes de Família, do corrente ano.

Assim, pelo presente, convido todos os indivíduos de ambos os sexos, com capacidade eleitoral, nos termos da citada disposição, a inscreverem-se como eleitores dentro dos prazos legais.

Aveiro e Secretaria da Junta de Freguesia de Nossa Senhora da Glória, aos 9 de Janeiro de 1967

O Presidente da Junta,

JORGE PEREIRA CAMPOS MOURÃO DE MENDONÇA CORTE REAL

ORDEM DOS ENGENHEIROS
Secção Regional de Coimbra

CONVOCAÇÃO

Nos termos do Art.º 21.º do Estatuto da ORDEM DOS ENGENHEIROS, e ao abrigo do Art.º 25.º do mesmo Estatuto, convoco a Assembleia Regional da Secção Regional de Coimbra para reunir na Sede desta, na Avenida Fernão de Magalhães, n.º 219-5.º, em Coimbra, no dia 28 de Janeiro, a fim de serem tratados os seguintes assuntos:

a) Discussão e votação do Relatório e Contas do Conselho Regional de 1966;

b) Apreciação do Orçamento aprovado pelo Conselho Regional relativo a 1967;

c) Eleição dos Corpos Directivos para o triénio de 1967/1969.

Esta Assembleia realizar-se-á de acordo com o estabelecido no § 3.º do Art.º 25.º do Estatuto e do modo seguinte: às 16 e 17 horas, respectivamente, em primeira e segunda convocação a fim de tratar dos assuntos referidos nas alíneas a) e b); às 18 e 19 horas, respectivamente, em primeira e segunda convocação a fim de tratar do assunto referido na alínea c).

Coimbra, 3 de Janeiro de 1967

O Presidente da Assembleia Regional,

Alberto Pereira de Lemos
(Eng.º Civil)

Junta da Freguesia da Vera-Cruz

EDITAL

José Gamelas Júnior, Engenheiro Agrónomo e Presidente da Junta de Freguesia da Vera-Cruz.

Faço saber que, nos termos e para os efeitos do artigo 203.º e seguintes do Código Administrativo, no próximo dia 1 de Fevereiro, têm início as operações para a organização do recenseamento dos Chefes de Família, do corrente ano.

Assim, pelo presente, convido todos os indivíduos de ambos os sexos, com capacidade eleitoral, nos termos da citada disposição, a inscreverem-se como eleitores dentro dos prazos legais.

Aveiro e Secretaria da Junta de Freguesia da Vera-Cruz, aos 9 de Janeiro de 1967

O Presidente da Junta,

JOSÉ GAMELAS JÚNIOR

Sindicato Nacional dos Profissionais na Indústria Hoteleira e Similares do Distrito de Aveiro

Convocatória

De harmonia com o estipulado no Artigo 22.º dos nossos Estatutos, convoco a Assembleia Geral deste Sindicato Nacional, a fim de reunir em sessão Ordinária, pelas 15 horas do dia 26 de Janeiro de 1967, na sede sindical, sita à Rua Comandante Rocha e Cunha, n.º 104-1.º-D.to, desta cidade de Aveiro, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Leitura, discussão e votação do Relatório e Contas da Gerência de 1966

Não comparecendo à hora marcada número legal de sócios, a Assembleia funcionará uma hora depois com qualquer número.

Aveiro, 10 de Janeiro de 1966

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

CARLOS DE JESUS

SECRETARIA JUDICIAL
COMARCA DE AVEIRO

Anúncio

O Doutor João Carlos Afonso da Rocha, Meritíssimo Juiz de Direito do Primeiro Juízo da comarca de Aveiro:

Faz saber que no dia 25 do corrente mês de Janeiro, pelas 10 horas e trinta minutos, neste Tribunal, no processo de execução de sentença em que são: — exequente — a Sociedade de Mercearias do Vouga, L.da, com sede nesta cidade; e executados — Manuel Pereira Gomes e mulher, Aurília Crespo Gomes, comerciantes, residentes na Rua de Sá, nesta cidade, hão-de ser postos em praça para serem arrematados ao maior lanço oferecido, acima dos respectivos preços anunciados, os seguintes

BENS

O direito e acção que o réu marido tem à herança de seus pais, José Pereira Sona e mulher Josefa Oliveira Gomes, falecidos em Sarrazola, freguesia de Cacia, que vai à praça por dez mil escudos.

Aveiro, 6 de Janeiro de 1967

O Escrivão de Direito,

António Amaro Martins dos Santos

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

João Carlos Afonso da Rocha

SECRETARIA JUDICIAL
COMARCA DE AVEIRO

Anúncio

O Doutor João Carlos Afonso da Rocha, Meritíssimo Juiz de Direito do Primeiro Juízo da comarca de Aveiro:

Faz saber que no dia 26 do corrente mês de Janeiro, pelas 10.30 horas, neste Tribunal, nos autos de execução de sentença que João Ferreira, casado, comerciante, residente nesta cidade de Aveiro move contra António dos Santos Neves e mulher, Rosa Neto de Oliveira, comerciantes, ele residente na Rua Mendes Leite, n.º 1 e ela residente na Rua de João Mendonça, n.º 13, nesta cidade, hão-de ser postos em praça para serem arrematados ao maior lanço oferecido, acima dos preços anunciados, os seguintes

BENS

Primeiro

— Uma máquina registadora marca «Nacional», em regular estado de conservação, que vai à praça por quinhentos escudos;

Segundo

— Uma balança marca «Avery» em regular estado de conservação, que vai à praça por mil e quinhentos escudos.

Terceiro

— Um televisor marca «Telefunken» em bom estado de conservação, que vai à praça por dois mil escudos.

Aveiro, 6 de Janeiro de 1967

O Escrivão de Direito

António Amaro Martins dos Santos

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

João Carlos Afonso da Rocha

D. Margarida de Sousa Lopes

AGRADECIMENTO

Sua família, impossibilitada de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todos quantos se interessaram durante o período da sua doença e a quantos acompanharam a saudosa extinta à sua última morada, pedindo desculpa por qualquer falta involuntàriamente cometida.

Empregada

Precisa-se com algumas habilitações para trabalhar com ficheiro de Inventário permanente.

Dirigir carta a este jornal ao n.º 462.

Trespassa-se barato

Restaurante bem afreguesado, bem situado e de grande futuro; com adega anexa e casa para Hóspedes, com 9 quartos.

Motivo à vista.

Tratar com LOPES DE PENAFIEL - Telef. 23772

SECRETARIA JUDICIAL
COMARCA DE AVEIRO

Anúncio

2.ª Publicação

Pelo 1.º Juízo de Direito da comarca de Aveiro, e 1.ª secção de processos, correm éditos de 30 dias contados da 2.ª e última publicação do presente anúncio, citando quaisquer interessados incertos, para no prazo de 20 dias posterior ao dos éditos, deduzirem a sua habilitação nos autos de Acção Especial de Liquidação em Benefício do Estado, em que é requerente o Agente do Ministério e requeridos incertos, como sucessores dos requeridos Francisco Ventura, de Aveiro; António da Silva Sereno, de Águeda; António Maria de Almeida Baltazar, de Trofa, Mourisca; António Nunes da Ana, de Aradas, Aveiro; Manuel Francisco Manata, da Rua 22, n.º 346, de Espinho; Lúcio Ribeiro Rolo, de Perrães, Águeda; Rosa Ferreira Gaspar, de Requeixo; Maria Luíza Ribeiro Durão, da Rua de S. Félix (à Lapa), n.º 77-A — Lisboa; Emília Gomes Pereira Vaz, de Anadia; Maria Rodrigues Teixeira, de Paço, Esgueira; Joaquim da Encarnação, de Águeda; Luiza Duarte Silva, de Aveiro; Silvina Águeda Rodrigues Davim, de Faro; Maria Rodrigues Teixeira, do Paço, Esgueira; Joaquim Francisco Coelho, de Oiã, Giesta; José de Oliveira Velha Júnior, de Ílhavo; Maria Marques de Oliveira, de Canelas, Salreu; Manuel Pedro Nolasco, de Perrães, Águeda; Manuel Cravo Júnior, da Gafanha; Álvaro Francisco Marques, de Oiã; Augusto Rodrigues de Oliveira, de Salreu, Estarreja; e José Pereira Moia, de Oliveira de Azeméis, todos como accionistas do Banco Regional de Aveiro; António Basílio dos Santos, de Lisboa; Manuel da Cunha Paredes Júnior, de Lisboa; Maria Amélia Gaspar Santiago, Herdeiros, de Águeda; Maria Avia Duarte de Carvalho e Silva, Herdeiros, de Aveiro; e Otília da Costa Carneiro Guimarães Marques, Herdeiros, do Porto; estes como accionistas da Companhia Aveirense de Moagens, e Henrique José Ferreira Fernandes de Barros, da Vista Alegre, Ílhavo, como accionista de Pescarias Beira Litoral.

Aveiro, 15 de Dezembro de 1966

O Escrivão de Direito,
António Amaro Martins dos Santos

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
João Carlos Afonso da Rocha

Litoral ★ Ano XIII ★ 14-1-1967 ★ N.º 636

SECRETARIA JUDICIAL
COMARCA DE AVEIRO

Anúncio

2.ª Publicação

O Dr. João Carlos Afonso da Rocha, Meritíssimo Juiz de Direito do Primeiro Juízo da comarca de Aveiro:

FAÇO SABER que no dia 17 do próximo mês de Janeiro, pelas 10.30 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, no processo de execução sumária que Henrique Pereira da Silva, casado, comerciante, residente em Esgueira, move contra Joaquim Lopes de Almeida, separado judicialmente de pessoas e bens, jornaleiro, residente no Cabo Luís, também da freguesia de Esgueira, desta comarca, hão-de ser postos em praça para serem arrematados ao maior lanço oferecido, acima do respectivo preço anunciado, os seguintes bens:

— O direito e acção à meação do executado no seu casal com Maria Ramos, doméstica, residente em Azenha de Baixo, daquela freguesia, que vai à praça no valor de dez mil escudos.

Aveiro, 19 de Dezembro de 1966

O Juiz de Direito,
João Carlos Afonso da Rocha

O Escrivão de Direito,
António Amaro Martins dos Santos

Litoral ★ Ano XIII ★ 14-1-967 ★ N.º 636

Desportos

CONTINUAÇÕES DA ÚLTIMA PÁGINA

Benfica — Beira-Mar

da do Beira-Mar, manteve-se em constante vai-vem de trás para a frente e de frente para trás. E é assim que se explica que os quatro atacantes benfiquistas, alimentados e protegidos pelos seus médios tivessem podido dar a impressão de maior força da sua equipa, já que foram eles que mais tempo tiveram a bola em seu poder, e foram eles que mais esforços fizeram para desfeitear os contrários.

Nos ataques, para além daquelas diferenças que existiram em número e no apoio que lhes foi dado, notou-se uma maior mobilidade e mais rápida execução, muitas vezes ao primeiro toque, dos atacantes benfiquistas.

Nestes, Simões continuou a ser um jogador operante, mais que Eusébio, partindo dele o centro bem medido do qual resultou o único golo limpo do desafio. Não se julgue, no entanto, que a defesa aveirense se tenha visto burlada e desfeiteada pelos famosos e endeusados atacantes do Benfica. Pelo contrário, tão bem se houve a defesa aveirense, que o Benfica se viu obrigado aos remates de longe ou a centros longos, por alto, já que de outra forma parecia não ser possível atingir as balizas de Vítor.

— Uma Penalidade mal assinalada e um golo injusto

Quem assistiu ao encontro não pode deixar de se revoltar contra o sr. Saldanha Ribeiro, que apitou o encontro.

Não que tenha cometido muitos erros. O jogo foi até bastante correcto, e, se algumas dificuldades foram criadas pelos jogadores, derivadas de jogadas mais matreiras ou de um outro comportamento incorrecto, elas foram raríssimas, e originadas mais pelos «intocáveis» benfiquistas do que pelos beiramarenses.

Mas os erros que o árbitro cometeu, até porque de um deles resultou o primeiro e, talvez também na «sua» opinião, «tranquilizador» golo benfiquista, foram os suficientes para classificar de péssima a sua actuação. Eusébio disputou com o pé duas bolas altas que os defensores aveirenses tentavam cabecear, (incorrendo em jogo perigoso). Simões dominou a bola com o braço no começo de algumas das suas arrancadas. Estas foram faltas tão nítidas que não lhes deveriam ter passsado em claro, pois estava bem perto das jogadas. Quanto ao «penalty», é até duvidoso que tenha havido falta, pois tanto Loura como Simões esticaram o pé na tentativa de dominar a bola, que acabou por ser afastada com a intervenção que considerou faltosa por parte do aveirense. E, a considerar-se faltosa, nunca poderia considerar-se infracção que as regras do jogo mandassem castigar com a penalidade máxima.

Nem poderia, lògicamente, haver intenção de Loura em praticar tal falta, pois esse jogador, como toda a gente, se apercebeu de que, naquele momento, nem sequer haveria perigo imediato se Simões se apoderasse do esférico. Na verdade, a cortina defensiva do Beira-Mar estava organizada, e foi ela que afastou a bola que aqueles dois jogadores disputaram...

Poderemos dizer, em conclusão, que a vitória terá sido justa, na medida em que foi o Benfica a equipa que melhor disposição atacante demonstrou, e porque o Beira-Mar, sem contra-ataque rápido e as fraquezas ofensivas apontadas, só por felicidade poderia vencer ou ter reposto a igualdade depois do primeiro golo.

Mas restam-nos dúvidas sobre se o resultado não teria sido outro, se a desorientação que chegou a esboçar-se no Benfica, se tivesse acentuado com a finalização do primeiro tempo sem golos...

J. L.

Sumário Distrital

33; 11.º — Oliveira do Bairro (18 - 34), 28; 12.º — Paivense (16-35), 24; 13.º — Cucujães (12-36), 23; 14.º — Estarreja (7-36), 20.

Jogos para amanhã:

Paços de Brandão — Paivense (3-2)
Recreio — Oliveira do Bairro (1-2)
S. João de Ver — Anadia (1-2)
Estarreja — Esmoriz (1-2)
Cucujães — Lusitânia (0-2)
Arrifanense — Feirense (1-1)
Valecambrense — Alba (0-2)

RESERVAS

Resultados da 11.ª jornada:

Espinho — Paços de Brandão	3-0
Pejão — Feirense	1-0
S. João de Ver — Lusitânia	2-3
Valecambrense — Avanca	4-2
Macinhatense — Valonguense	2-3
Anadia — Oliveirense	1-2
Vista-Alegre — Alba	3-1

Tabelas classificativas:

Série A: 1.º — Espinho, 28 pontos; 2.º — Lusitânia, 26; 3.º — Feirense, 24; 4.º — Valecambrense, 22; 5.º — S. João de Ver, 21; 6.º — Pejão, 21; 7.º — Paços de Brandão, 19; 8.º — Avanca, 15.

Série B: 1.º — Oliveirense, 26 pontos; 2.º — Bustelo, 21; 3.º — Macinhatense, 19; 4.º — Valonguense, 18; 5.º — Vista-Alegre, 18; 6.º — Anadia, 16; 7.º — Alba, 14.

Jogos para amanhã:

Paços de Brandão—Valecambrense (1-2)
Feirense — Espinho (1-4)
Lusitânia — Pejão (0-2)
Avanca — S. João de Ver (0-4)
Valonguense — Vista-Alegre (1-1)
Oliveirense — Macinhatense (0-0)
Bustelo — Anadia (4-1)

JUNIORES

Resultados da 15.ª jornada:

Esmoriz — Lamas	4-0
Cucujães — Oliveirense	3-0
Valecambrense — Sanjoanense	0-7
Cesarense — Espinho	2-1
Oliveira do Bairro — Vista-Alegre	1-1
Valonguense — Alba	2-0
Ovarense — Estarreja	3-2
Anadia — Mealhada	7-1
Beira-Mar — Recreio	2-1

No encontro Bustelo — Lusitânia, pela não comparência às horas regulamentares da turma de Lourosa, a vitória foi atribuída à equipa da casa.

Tabelas classificativas:

Série A: 1.º — Sanjoanense (54-5), 42 pontos; 2.º — Cucujães (47-4), 41; 3.º — Espinho (44-18), 36; 4.º — Bustelo (31-17), 32; 5.º — Oliveirense (23-30), 28; 6.º — Valecambrense (24-43), 26; 7.º — Esmoriz (16-36), 26; 8.º — Lamas (15-36), 25; 9.º — Cesarense (11-52), 21; 10.º — Lusitânia (9-28), 20.

Série B: 1.º — Anadia (60-1), 44 pontos; 2.º — Beira-Mar (47-9), 40; 3.º — Recreio (41-11), 38; 4.º — Oliveira do Bairro (24-24), 30; 5.º — Mealhada (28-29), 30; 6.º — Vista-Alegre (14-35), 26; 7.º — Ovarense (16-22), 25; 8.º — Estarreja (14-32), 25; 9.º — Valonguense (16-63), 23; 10.º — Alba (5-39), 19.

Jogos para amanhã:

Lamas — Cesarense (1-1)
Oliveirense — Esmoriz (0-1)
Sanjoanense — Cucujães (0-0)
Lusitânia — Valecambrense (0-1)
Espinho — Bustelo (1-1)
Vista-Alegre — Beira-Mar (0-3)
Alba — Oliveira do Bairro (0-2)
Estarreja — Valonguense (4-1)
Mealhada — Ovarense (1-1)
Recreio — Anadia (0-3)

JUVENIS

Resultados da última jornada:

Lusitânia — Oliveirense	1-2
Bustelo — Sanjoanense	0-4
Pejão — Paços de Brandão	1-3
Espinho — Cucujães	1-0
Recreio — Beira-Mar	2-1
Anadia — Pampilhosa	2-0
Ovarense — Avanca	4-1
Mealhada — Alba	1-1

Tabelas finais:

Série A: 1.º — Oliveirense (30-13), 35 pontos; 2.º — Sanjoanense (30-6), 34; 3.º — Espinho (27-15), 33; 4.º—Cucujães (29-25), 29; 5.º — Lusitânia (18-18), 27; 6.º — Paços de Brandão (17-30), 25; 7.º — Bustelo (16-30), 23; 8.º — Pejão (17-47), 17.

Série B: 1.º — Ovarense (53-5), 43 pontos; 2.º — Anadia (4-15), 39; 3.º — Avanca (29-19), 36; 4.º — Recreio (23-20), 35; 5.º — Beira-Mar (31-26), 31; 6.º — Alba (32-30), 31; 7.º — Pampilhosa (18-27), 30; 8.º — Mealhada (13-42), 21; 9.º — Estarreja (8-73), 18.

Ficaram apurados para a «poule» final os três primeiros de cada série, que foram: Oliveirense, Sanjoanense, Espinho, Ovarense, Anadia e Avanca.

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 18 DO «TOTOBOLA»

22 de Janeiro de 1967

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Tírsense - Guimar.	1		
2	Salgueiros - Penaf.	1		
3	Académ. - Leixões	1		
4	Porto - Braga	1		
5	Beira-Mar - Sanj.	1		
6	A. Viseu - Covilhã	1		
7	Almada - Alhandra		x	
8	Oriental - Montijo	1		
9	Benfica - Sporting			2
10	Atlético - Belenen.		x	
11	Setubal - C. U. F.	1		
12	Seixal - Sintrense	1		
13	Olhanen. - Portim.	1		

Basquetebol

6.ª jornada:

Marinhense — Sp. Figueirense
GALITOS — ILLIABUM
Académica — C. D. U. P.
Vasco da Gama — Porto

7.ª jornada:

Porto — Marinhense
Sp. Figueirense — GALITOS
ILLIABUM — Académica
C. D. U. P. — Vasco da Gama

II DIVISÃO

Os três clubes de Aveiro incluídos na II Divisão ficaram agrupados na Zona Norte, mas a Sanjoanense disputa da Série A, enquanto o Esgueira e o Sangalhos jogam na Série B. Haverá jogos aos sábados e aos domingos de manhã, sendo o programa geral do torneio, que se iniciou ontem (antecipação do encontro Fluvial — Educação Física), o que a seguir indicamos:

Série A

1.ª jornada:

Sp. Caldas — Leça
Gaia — SANJOANENSE
Invicta — Ginásio

2.ª jornada:

Leça — Gaia
Ginásio — Sp. Caldas
SANJOANENSE — Invicta

3.ª jornada:

Invicta — Leça
Gaia — Sp. Caldas
Ginásio — SANJOANENSE

4.ª jornada:

Leça — SANJOANENSE
Sp. Caldas — Invicta
Gaia — Ginásio

5.ª jornada:

Ginásio — Leça
SANJOANENSE — Sp. Caldas
Invicta — Gaia

Série B

1.ª jornada:

ESGUEIRA — Naval
SANGALHOS — Olivais
Fluvial — Educação Física

2.ª jornada:

Naval — SANGALHOS
Educação Física — ESGUEIRA
Olivais — Fluvial

3.ª jornada:

Fluvial — Naval
SANGALHOS — ESGUEIRA
Educação Física — Olivais

4.ª jornada:

Naval — Olivais
ESGUEIRA — Fluvial
SANGALHOS — Educação Física

5.ª jornada:

Educação Física — Naval
Olivais — ESGUEIRA
Fluvial — SANGALHOS

SECRETARIA JUDICIAL
COMARCA DE AVEIRO

Anúncio

Faz-se saber que foi distribuída à segunda Secção do primeiro Juízo da comarca de Aveiro, uma acção contra Manuel Bolais Mónica, solteiro, maior, residente em S. Bernardo, da freguesia da Glória, desta comarca, para o efeito de ser decretada a sua interdição por demência.

Aveiro, 11 de Janeiro de 1967

O Escrivão de Direito,
Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
João Carlos Afonso da Rocha

Campeonato Nacional da I Divisão

Resultados da 13.ª jornada:

SETÚBAL — BELENENSES	1-0
BENFICA — BEIRA-MAR	2-0
SANJOANENSE — GUIMARÃES	2-1
PORTO — LEIXÕES	4-0
BRAGA — VARZIM	1-1
ACADÉMICA — SPORTING	1-0
ATLÉTICO — C. U F.	0-0

Tabela classificativa:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Académica	13	10	1	2	29-12	21
Benfica	13	10	1	2	24-10	21
Porto	13	8	1	4	26-13	17
Leixões	13	7	2	4	16-14	16
Braga	13	5	5	3	18-10	15
C. U. F.	13	6	3	4	17-17	15
Guimarães	13	6	1	6	18-15	13
Sporting	13	4	4	5	17-15	12
Atlético	13	4	2	7	17-21	10
Setúbal	13	3	4	6	6-13	10
Varzim	13	3	4	6	13-21	10
Belenenses	13	2	4	7	8-17	8
BEIRA-MAR	13	2	3	8	12-27	7
Sanjoanense	13	1	5	7	12-28	7

Muito fraca a produção de golos da décima terceira jornada, a última da primeira volta, talvez porque seis equipas ficaram em branco. Foram treze os tentos, firmando cinco vitórias de grupos visitados e dois empates.

Na mapa classificativo, Académica e Benfica mantiveram-se no topo, após os seus laboriosos triunfos de domingo. E aumentaram o avanço sobre os seus mais próximos competidores, dos quais apenas o Porto conseguiu manter a distância pontual, mercê de clara e retumbante vitória sobre o Leixões.

Assinalável, sem dúvida, o primeiro triunfo da Sanjoanense, agora igualada ao Beira-Mar — ambos partilhando a indesejável «lanterna-vermelha». Também o êxito dos sadinos é acontecimento de referir, após a série de resultados negativos da equipa, já que veio proporcionar alteração profunda na cauda da tabela.

Os dois empates registados no domingo são desfechos aceitáveis, sobretudo o nulo da Tapadinha; já em Braga, onde os poveiros estiveram à beira de vencer, a igualdade era menos de admitir.

Durante três semanas, o Campeonato vai entrar de férias — haverá a «Taça de Portugal», amanhã e no dia 29, e a homenagem a Vicente, em 22 do corrente.

Será oportuno referir, entretanto, que a prova entrou em fase de enorme interesse, em autêntico «ponto de rebuçado» — sem se terem definido quaisquer posições.

Assim, a segunda volta terá de resolver as questões do título e da descida à II Divisão; e, de momento, não se vislumbra o campeão nem quem será despromovido. Para o primeiro caso, temos a Académica, o Benfica e o Porto com idênticas possibilidades. No outro problema — que directamente nos respeita e preocupa, a nós, aveirenses — Beira-Mar e Sanjoanense têm perfeitamente ao seu alcance a recuperação; os clubes da A. F. A. seguem apenas com menos um ponto que o Belenenses e com menos três pontos que o trio Varzim-Setúbal-Atlético...

Campeonato Nacional da II Divisão

Zona Norte

Resultados da 13.ª jornada:

ACAD. DE VISEU — U. DE TOMAR	2-1
ESPINHO — PENICHE	3-1
PENAFIEL — FAMALICÃO	0-1
LEÇA — SALGUEIROS	1-1
TIRSENSE — OLIVEIRENSE	4-0
COVILHÃ — LAMAS	2-2
TORRES NOVAS — OVARENSE	0-1

Tabela classificativa:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Tirsense	13	10	—	3	39-15	20
Leça	13	8	3	2	15-8	19
Covilhã	13	6	4	3	18-12	16
Salgueiros	13	6	3	4	28-20	15
Peniche	13	6	2	5	21-18	14
Penafiel	13	7	—	6	21-22	14
Lamas	13	4	4	5	18-18	12
Espinho	13	5	2	6	19-22	12
U. Tomar	13	6	—	7	23-26	12
Oliveirense	13	4	3	6	12-20	11
A. de Viseu	13	5	1	7	15-21	11
Ovarense	13	4	2	7	18-22	10
Famalicão	13	3	4	6	17-24	10
T. Novas	13	2	2	9	15-31	6

TAÇA DE PORTUGAL

Amanhã, e no dia 29, efectuam-se os desafios da segunda eliminatória da «Taça de Portugal». Na primeira «mão», temos o seguinte programa:

LUSITANO — BENFICA
PENAFIEL — GUIMARÃES
SETÚBAL — SINTRENSE
BRAGA — ATLÉTICO
PORTO — C. U. F.
PENICHE — BELENENSES
LEIXÕES — TIRSENSE
LEÇA — ACADÉMICA
A. VISEU — SANJOANENSE
MONTIJO — BEIRA-MAR

Como se sabe, o Varzim ficou isento desta eliminatória, por sorteio realizado oportunamente.

BENFICA, 2 — BEIRA-MAR, 0

Jogo em Lisboa, no Estádio da Luz, sob arbitragem do sr. Saldanha Ribeiro, de Leiria.

Os grupos formaram deste modo:

BENFICA — Costa Pereira; Cavém, Raul, Jacinto e Cruz; Jaime Graça e Coluna; Iaúca, José Augusto, Eusébio e Simões.

BEIRA-MAR — Vítor; Loura, Evaristo, Piscas e Camarão; Brandão e Abdul; Pena, Gaio, Leonel Abreu e Almeida.

— Golos

Aos 38 minutos, EUSÉBIO marcou o primeiro golo do encontro na transformação de grande penalidade, injustamente assinalada, a punir falta de Loura sobre Simões — decidiu o árbitro.

Aos 63 minutos, JOSÉ AUGUSTO de cabeça, fixou o resultado final, após centro da esquerda, muito bem executada por Simões.

— Duas equipas demasiado cautelosas

Desde o apito inicial até ao fim do encontro, qualquer das equipas renunciou a toadas de jogo rápido. Por isso mesmo, as duas defesas raras vezes tiveram dificuldades em contrariar os atacantes contrários, pois sobrou-lhes sempre tempo para se colocarem da melhor maneira. Aliás, nem os defensores aveirenses tentaram incursões a meio campo, nem o «quatro» defensivo benfiquista, apesar da constante vantagem numérica em relação com os atacantes aveirenses, se desfez com o adiantamento deste ou daquele jogador que estaria a mais na sua defesa. No entanto, enquanto os defesas laterais benfiquistas foram largamente utilizados sempre que o Benfica julgou ser necessário variar de sector de jogo, recebendo e trocando passes com os seus médios e extremos, os do Beira-Mar limitaram-se às tarefas defensivas.

E, se sempre que o Benfica desenvolvia o seu ataque, a acertada defesa do Beira-Mar se via reforçada pelos seus médios, ou mesmo pelo jogador Abreu, (que tendo um 9 na camisola, permaneceu mais recuado que Abdul, em missão que nem sequer foi de ajuda ou alimentação do seu ataque), da mesma forma, o Benfica não descurou o reforço da sua linha de quatro defesas, entre os quais raras vezes se viram mais do que dois ou três atacantes beiramarenses.

Assim, se Almeida, Pena ou Gaio estavam na posse do esférico, eram os médios benfiquistas que lhes moviam a primeira luta (quando não, até Iaúca ou Simões), ficando os «três mosqueteiros» aveirenses cercados por todos os lados, sem possibilidades de pedir auxílio aos seus colegas da linha média, já que estes, por cautela, pouca afoiteza ou mesmo falta de visão, se quedavam a meio campo, demasiado longe para receber uma dobra que garantisse a posse do esférico ou a colocação da bola noutro atacante, possivelmente melhor colocado.

Acentuados já os cuidados, mais ou menos justificados, com que os dois «teams» se comportaram, restará, para finalizar a apreciação global das equipas, desenvolver o que incidentalmente se disse dos sectores médios e atacantes. Aí as grandes diferenças, ou aquelas que mais terão influído no desnível das duas equipas.

Mais afoita e flexível, a linha média benfiquista, ao contrário

Continua na página 9

A derrota sofrida pelo Beira-Mar no jogo com o Benfica fez acabar uma já legendária tradição aveirense, segundo a qual os futebolistas beiramarenses nunca perdiam no Dia de S. Gonçalinho — padroeiro do típico bairro piscatório.

Helder Bandarra, num expressivo desenho que hoje publicamos, «explica-nos»... o «motivo» que determinou a falta de protecção de S. Gonçalinho ao nosso Beira-Marzinho — um «motivo»... chamado Benfica!

Sumário DISTRITAL

I DIVISÃO

Resultados da 16.ª jornada;

Paivense — Recreio	1-2
Oliv. do Bairro — S. João de Ver	0-1
Anadia — Estarreja	3-1
Esmoriz — Cucujães	5-1
Lusitânia — Arrifanense	1-1
Feirense — Valecambrense	4-1
Alba — Paços de Brandão	2-0

Tabela classificativa:

1.º — Recreio (33-21), 39 pontos; 2.º — Valecambrense (25-15), 37; 3.º — Lusitânia (20-21), 37; 4.º — Anadia (30-15), 36; 5.º — Feirense (30-15), 35; 6.º — Paços de Brandão (24-17), 35; 7.º — Arrifanense (26-22), 34; 8.º — Alba (20-21), 34; 9.º — S. João de Ver (32-17), 33; 10.º — Esmoriz (23-21),

Continua na página 9

Basquetebol

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO

Iniciam-se esta noite os desafios relativos à fase metropolitana do Campeonato Nacional da I Divisão. Na Zona Norte, haverá jogos em Aveiro, Coimbra e Porto, de acordo com o calendário geral a seguir indicado:

1.ª jornada:

GALITOS — Marinhense
Académica — Sp. Figueirense
Vasco da Gama — ILLIABUM
C. D. U. P. — Porto

2.ª jornada:

Marinhense — Académica
Porto — GALITOS
Sp. Figueirense — Vasco da Gama
ILLIABUM — C. D. U. P.

3.ª jornada:

Vasco da Gama — Marinhense
Académica — GALITOS
C. D. U. P. — Sp. Figueirense
Porto — ILLIABUM

4.ª jornada:

Marinhense — C. D. U. P.
GALITOS — Vasco da Gama
Académica — Porto
Sp. Figueirense — ILLIABUM

5.ª jornada:

ILLIABUM — Marinhense
C. D. U. P. — GALITOS
Vasco da Gama — Académica
Porto — Sp. Figueirense

Continua na página 9

PROVAS DE BADMINTON

● No Ginásio do Liceu, e em organização da Secção de Badminton do Clube dos Galitos, disputou-se a primeira fase do *Torneio «As Estações do Ano»* — apurando-se estes resultados:

Seniores e Juniores — Masculinos — Eng.º Rui Burmester - José Leal, 2-0 (15-11 e 15-10). Fernando Gouveia - José Almeida, 2-0 (15-2 e 15-5). Eng.º Rui Burmester - Hernâni Monteiro, 2-0 (15-4 e 15-6). Fernando Gouveia - Eng.º Rui Burmester, 2-0 (15-2 e 15-7).

Juniores — Femininos — Helena Vidinha - Maria Alice Almeida, 2-0 (11-3 e 11-4). Arlete Helena - Ana Maria Graça, 2-1 (5-11, 12-10 e 11-9). Ana Maria Graça - Maria Alice Almeida, 2-0 (11-1 e 11-3). Helena Vidinha - Arlete Helena, 2-0 (11-0 e 11-5).

● Amanhã, a partir das 9.30 horas, e no mesmo recinto, prossegue o torneio, com os encontros de juvenis, incluídos na segunda fase.

● Como já noticiámos, em 27, 28 e 29 do mês em curso, desloca-se a Lisboa o treinador-jogador do Galitos, Fernando Gouveia, que vai participar no II Torneio Aberto do Sport Lisboa e Benfica.

As atletas que participaram na primeira fase do torneio do Galitos

XADREZ de NOTÍCIAS

Continua por resolver o caso do novo treinador do Beira-Mar, depois de gorada a hipótese de vir para Aveiro o categorizado técnico brasileiro Martin Francisco — actualmente em Espanha.

Assim, Fernando Azevedo orientará de novo os futebolistas beiramarenses amanhã, no jogo contra o Montijo, da «Taça de Portugal».

Cinco equipas estão a disputar o Campeonato Distrital da F. N. A. T., em Basquetebol, iniciado, na última semana, com os seguintes jogos:

Metalo-Mecânica — Celulose	50-27
Casa P. de Esgueira — F. Aleluia	21-25

Esta tarde, a competição prossegue, com os desafios Fábricas Aleluia — Metalo-Mecânica, no Rinque do Parque, e Celulose — Sachs, em Cacia.

Desligado do Beira-Mar, o treinador Artur Quaresma fechou contrato com o Sporting de Espinho, ocupando o posto deixado em aberto, recentemente, com a saída de Pinto Rey.

No último domingo, na oitava jornada do Campeonato Distrital da F. N. A. T., em futebol, apuraram-se os seguintes desfechos:

PEJÃO — LUSO	2-3
OLIVA — LAMAS	6-0
OLIVEIRINHA — MOGOFORES	0-3
SACHS — VILARINHO	1-8

Na classificação geral, por pontos, perdidos, a ordem é a seguinte: 1.º — Vilarinho, 0; 2.º — Lamas, 4; 3.º — Oliva, 6; 4.º — Luso, 6; 5.º — Mogofores, 9; 6.º — Oliveirinha, 10; 7.º — Pejão, 16.

DESPORTOS

Secção dirigida por António Leopoldo